

Carreiro condena a censura

Rio — Ao chamar atenção para o fato de que nas grandes épocas de um regime ditatorial ninguém tem coragem de trocar palavras com o outro, por não saber se este, no caso, faz parte de algum serviço secreto de informações, o desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Carlos Haroldo Porto Carreiro, afirmou ontem no encerramento da 4ª Conferência dos Advogados do Rio de Janeiro, no Hotel Copacabana Palace, que isto dá margem à autocensura e ao autocerceamento de defesa em cada um. “É necessário saber gritar e colocar aquilo que pensamos para fora”, destacou o magistrado.

Porto Carreiro participou do painel sobre “Liberdade de manifestação do pensamento e censura” do qual também, participaram o jornalista e dramaturgo Millor Fernandes e a atriz Fernanda Montenegro, e que reuniu uma platéia de quase mil pessoas. Esta afluência obrigou o advogado Tércio Lins e Silva a unir este painel com outro realizado ao mesmo tempo acerca da “Cultura da ordem constitucional”, que reuniu o filólogo Antônio Houaiss, o vice-governador Darcy Ribeiro e o escritor Herbert Daniel. Houaiss, que recentemente tomou parte da comissão sobre censura juntamente com outros intelectuais, como o compositor Chico Buarque de Holanda, e a cineasta Ana Carolina, declarou que dentre as conclusões a que chegou essa comissão está a sua revogação diante de qualquer objeto de cultura, “já que este sempre implicará numa manifestação do pensamento do indivíduo”. Na opinião do filólogo, o conceito de censura latente existe em todas as sociedades, daí a necessidade de discutir-se somente o conceito de censura explícita. “Este é o caso das emissoras do rádio e TV, para as quais achamos a medida válida, desde que envolva situações de tóxicos, violência e sexomania”, justificou.

Porto Carreiro, que em 69, mesmo sendo juiz de direito de uma vara cível foi preso e, mais tarde, cassado pelo AI-5, explicou que a liberdade de manifestação do pensamento costuma incomodar os donos do poder político, que se tornam por ele amedrontados. “A classe dominante tem medo de perder seus privilégios e faz da censura uma arma para impedir as idéias”, disse.

Indel